

O INDIVÍDUO RE (CONSTRUÍDO) NAS REDES SOCIAIS: COMUNIDADES SOBRE ESCOLAS DENTRO DO ORKUT

Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Ou debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. O ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e seu conteúdo (CALLIGARIS, 1998, p. 49).

Fabíola Cunha – Mestranda

Leila Maria Ferreira Salles - Orientadora

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo estudar a construção da narrativa feita pelo membro de redes sociais na internet sobre si mesmo e o significado que atribui à escola e aos estudos nesse processo. A rede social escolhida foi o Orkut, devido a organização disponível em suas comunidades que propiciam acesso tanto ao que os usuários falam sobre determinado assunto quanto a como eles se apresentam individualmente. Além disso, também será feita a caracterização e identificação dos interesses manifestados pelos jovens nesse espaço.

O surgimento e estabelecimento de redes sociais como o Orkut viabilizando relacionamentos dentro da internet, com diferentes intuítos e consequências, garante a ele interesse suficiente para o desenvolvimento da pesquisa que aqui se propõe. O Orkut se insere dentro das transformações sociais, culturais e políticas construídas com o advento da tecnologia da informação na segunda metade do século 20 e primeira década do século 21.

Relacionar a (re) construção da identidade ao universo de possibilidades proporcionado pela internet, em redes como o Orkut, é interesse recente de estudos acadêmicos. A temática é atual, tornando esta pesquisa relevante, já que pretende colaborar com a compreensão do impacto da internet no cotidiano das pessoas, nas práticas e visões de mundo, destacando-se o significado da escola e os estudos.

Vislumbra-se a efervescência das redes sociais. São redes fluidas, que têm o objetivo de envolver mais pessoas, de forma rápida, desconsiderando as amarras do espaço e do

tempo. O acesso à internet, às redes sociais como o Orkut e a concepção dos educadores a esse respeito podem suscitar várias questões.

O Orkut, embora não funcione como um diário, permite a reorganização da história individual, personalizando e destacando preferências, opiniões acerca de assuntos variados, desejos e motivações. Ao escolher uma determinada fotografia ou citação (no campo “quem sou eu” do perfil) o indivíduo apresenta-se aos outros usuários como aquilo que quer ser.

Este estudo é realizado em uma comunidade dentro do Orkut dedicada a uma escola da rede pública da cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo. A escola foi escolhida por ser uma das instituições onde atua o Grupo de Estudos sobre Jovens, Educação e Violência, ao qual me vinculei ao ingressar no Mestrado. Esse grupo é composto por uma equipe de professores e alunos e tem investigado a temática Jovens, Violência e Escola. A equipe desenvolveu os projetos de pesquisa “Projeto de pesquisa e de formação de profissionais para atuar com a problemática da violência de jovens” (Financiamento Fapesp – Melhoria do Ensino Público- Processo 2004/11247-8) e “Violência na Escola: as influências do clima organizacional e das relações familiares” (Financiamento Fapesp – Melhoria do Ensino Publico- Processo 2007/04102-1).

É preciso também entender quem são os elementos que formam uma rede social. Os atores, como definidos por Recuero (2009, p.25) são “o primeiro elemento da rede social” e são representações dos atores sociais, ou “construções identitárias do ciberespaço” (Ibid., p. 25), ou seja, um perfil no Orkut é a representação de um ator social que se manifesta em uma rede social. É preciso perceber a construção de um perfil como uma narrativa de si mesmo.

Podemos comparar o Orkut a um bar, por exemplo, onde pessoas encontram amigos, colegas de trabalho, trocam informações e conhecem outras pessoas com quem podem estabelecer amizades. Se há troca de informações e essa inclui dados pessoais (o que gosto de fazer no meu tempo livre, quais filmes e estilos musicais me agradam, o que penso sobre o atual governo, etc.

Para Lévy (1999), há no senso comum a ideia de que as relações virtuais substituem ou enfraquecem as relações de carne e osso, criando indivíduos que permanecem escondidos atrás do computador, interagindo apenas com outros usuários e perdendo assim a experiência de estar ao ar livre, do contato físico, do estímulo aos

cinco sentidos simultaneamente. O encontro “real”, em comparação ao “virtual”¹ seria mais rico em informações e sensações para o indivíduo.

No caminho “real” para o trabalho ou para um encontro romântico, a estimulação sensorial e a absorção de novas informações ocorrem várias vezes, pois há o trânsito, pássaros, árvores, o entra-e-sai nos restaurantes, ônibus e lojas, crianças e adultos conversando... Neste processo, repetitivo, as relações e transformações sociais estão em franca expansão.

O que há no caminho “virtual” para esses mesmos hipotéticos destinos (trabalho e romance)? Ligar o computador, dentro da casa já familiar ou em uma lanhouse escurecida pelo filtro nos vidros não permite o mergulho na efervescência das ruas, no desafio de atravessar a cidade até o destino ansiado. Há ainda o laptop que cabe na bolsa, uma vez instalado sobre as pernas do usuário em um parque ou mesa de lanchonete (desde que disponham de sistema wireless, o qual permite a conexão com a internet sem fios e cabos), seu uso possibilita que se ignore o que acontece ao redor – quanto maior o silêncio mais facilmente ocorre o isolamento do usuário e melhor é sua concentração ao que realmente interessa: a máquina que promove a conexão com o objetivo: seja trabalho ou amor.

Em função dos objetivos propostos em um primeiro momento foram identificadas as comunidades dentro do Orkut dedicadas à escola. A comunidade em questão possuía na data do último acesso, 21 de junho de 2012, 1234 pessoas como membros. Uma comunidade dentro do Orkut pode ser criada por um membro para que sejam discutidos assuntos referentes a coisas tão distintas quanto uma escola e um tipo de sapato. A partir do momento em que é criada, a comunidade recebe membros que estejam interessados em discussões, criando tópicos e enquetes sobre, no caso, a escola aqui focalizada.

Em um segundo momento da pesquisa, as temáticas veiculadas nessa comunidade foram alvo de análise, buscando o exame dos significados que os membros atribuem à escola e aos estudos.

O acesso ao perfil dos membros (alunos e ex-alunos) foi feito em seguida, com o objetivo de ler como se referem a si mesmos, analisar a relação que eles estabelecem neste espaço com outros membros, caracterizar e identificar o interesse manifestado por eles, bem como as referências, links para outras comunidades ou sites fora do Orkut –

¹ Utilizaremos aspas, pois as definições desses dois termos contêm inúmeras possibilidades e contradições e queremos as mais comuns, por enquanto.

itens que fazem parte da persona que deseja-se mostrar no Orkut. Restringir o acesso a fotos e informações também é encarado como uma forma de exibir-se, afinal, a rede social possibilita que informações que consideramos relevantes sejam transferidas para os campos disponibilizados ali então montar um perfil em que repele-se a aproximação ou restringe-se o conhecimento do outro sobre si é digno de interesse para esta pesquisa.

Para esta fase da pesquisa, foi utilizada a bibliografia referente à análise qualitativa em ciências humanas. A classificação de dados decorrente das sucessivas leituras de perfis, recados, depoimentos e conteúdo da comunidade referente à escola escolhida dentro do Orkut foi feita para facilitar a identificação dos discursos dos membros analisados. É preciso contextualizar os termos e seus usos e também verificar as mensagens presentes nas ausências de uso de certos termos.

A tarefa de análise dos dados implicou, num primeiro momento, na organização de todo o material coletado, dividindo-o em partes, relacionando-as e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Com isso procuramos identificar algumas categorias para análise que surgirão dos próprios dados coletados. Num segundo momento essas tendências e padrões serão reavaliados, buscando-se relações e inferências entre elas. As escritas nos Orkut serão classificadas e categorizadas em diferentes blocos temáticos. Serão identificadas as dimensões mais frequentes ou mais enfatizadas em cada um desses blocos temáticos, bem como as diferenças que podem ser encontradas em cada um deles.

A partir destas análises procuraremos estudar a construção da narrativa feita pelo jovem sobre si mesmo e o significado que atribui à escola e aos estudos nesse processo, dentro das redes de relacionamentos e comunidades virtuais da internet.

1. Introdução

Este artigo se insere dentro do estudo “Orkut e o Jovem: Socialização e Visibilidade”, desenvolvido dentro do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Unesp, como parte da reflexão acerca da necessidade de (re) invenção da identidade. O Orkut, embora não funcione como um diário permite a reorganização da história individual, personalizando e destacando preferências, opiniões acerca de assuntos variados, desejos e motivações.

O estudo tem como objetivo compreender a construção da narrativa feita pelo jovem sobre si mesmo e o significado que atribui à escola e aos estudos nesse processo, dentro de uma rede de relacionamento, o Orkut, e suas comunidades; analisar a relação que eles estabelecem neste espaço com os outros jovens; examinar, caracterizar e identificar os interesses manifestados pelos jovens nas redes de relacionamentos e comunidades virtuais existentes na internet.

Este estudo é realizado em uma comunidade dentro da rede social Orkut dedicada aos alunos, ex-alunos de uma escola da rede pública em Rio Claro, interior de São Paulo, onde atua o grupo de estudo intitulado Estudos sobre Jovens, Educação e Violência, ao qual me vinculei ao ingressar no Mestrado, composto por uma equipe de professores e alunos da Unesp.

A classificação de dados decorrente das sucessivas leituras de perfis, recados, depoimentos e conteúdo de “comunidades” do Orkut é feita para facilitar a identificação dos discursos dos membros analisados. É preciso contextualizar os termos e seus usos e também verificar as mensagens presentes nas ausências de uso de certos termos.

A tarefa de análise dos dados implica na organização de todo o material coletado, dividindo-o em partes, relacionando-as e procurando identificar nelas tendências e padrões relevantes, derivando para algumas categorias para análise que surgem dos próprios dados coletados. As escritas nos perfis dentro do Orkut são classificadas e categorizadas em diferentes blocos temáticos. São identificadas as dimensões mais frequentes ou mais enfatizadas em cada um desses blocos temáticos, bem como as diferenças que podem ser encontradas em cada um deles.

2. A escrita sobre o “eu”

O interesse pela temática da escrita sobre o eu, ou escrita de si, é anterior ao advento da internet, suas redes sociais, blogs e demais ferramentas de comunicação mediadas pelo computador.

A pergunta que se faz neste artigo é: por que escrever sobre o eu? O que leva um indivíduo a debruçar-se sobre o papel ou o teclado do computador e dedilhar ali considerações sobre a própria existência? Escrever é o ato de se colocar no papel (ou mais recentemente na tela do computador), com o intuito de ser lido. Ser lido por si mesmo e por outros. Ao ler o já escrito, tornamo-nos o outro, olhamos de fora o que conservamos dentro.

Como Calligaris (1998) aponta, escrever, colocar-se na escrita, é uma forma de reinvenção. O autor apropria-se de partes, fragmentos de sua vida. Escrever é editar a história de si mesmo, na tentativa de compreender-se e fazer-se compreender. As autobiografias não são exclusividade de nossa época: as pictografias nas paredes das cavernas revelam informações sobre aqueles que ali moravam, o cotidiano das caças, da busca por frutas e abrigo, da relação entre os membros do grupo, antes da escrita propriamente dita existir. Tais informações revelam não apenas a história de um grupo, mas o que o indivíduo que a gravou ali enxergava como história – o individual edita o coletivo.

A escrita de si pode ser um texto corrido em um diário, separado por dias e meses, linear e cronológico; ou fragmentos em uma rede social: uma foto, o preenchimento de campos sobre preferências, por exemplo. Essas informações compõem uma autobiografia, que Philippe Lejeune define como:

Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”
(LEJEUNE, 2008,p.14)

Para Lejeune, quem escreve sobre si, ou seja, compõe uma autobiografia está pedindo para ser julgado e amado; o leitor, o outro, é aquele que se compromete a fazê-lo (p.73).

Lejeune se atém aos diários como objeto de análise. Por que alguém mantém um diário? Os diários atuais, sejam aqueles mantidos em blogs ou em caderninhos convencionais, não são exclusividade de nossa época, são derivados de um fenômeno social, como explica o autor:

Desde a Antiguidade, no Ocidente, assistimos a uma progressiva individualização do controle da vida e da gestão do tempo. É o que já se chamava antigamente de ‘foro íntimo’, bela expressão que designa a passagem de uma jurisdição externa e social (fórum) a um tribunal puramente interior e individual, o da consciência. O desenvolvimento atual do diário corresponde talvez a essa delegação de poder: cada indivíduo tem de administrar a si mesmo, com seu próprio setor de contenciosos e seus próprios arquivos (LEJEUNE, 2008, p.259).

Narrar-se é organizar a vida, na tentativa de torná-la compreensível, de atribuir a ela uma espinha dorsal, que a sustente enquanto realidade. Escrever é organizar, é desamarrar pensamentos e sentimentos que, de outra forma, ficariam presos a um emaranhado interior. É esticar a linha do pensamento para fora si, na esperança de ver a linha sem nós ou “desfiados” que comprometam sua inteligibilidade.

Escrever é reinventar-se na medida em que passar para o papel o que está dentro de si é uma forma de faxina ou mudança, como quando se muda de endereço. Os pertences acomodados em uma caixa, sacudidos, comprimidos e revirados são colocados fora dela em ordem (ou pelo menos há a tentativa de ordená-los) para ganharem sentido e praticidade, para estarem a vista para si ou para os outros, em representação.

Calligaris converge para constatação similar:

É uma verdade que concerne ao sujeito autobiógrafo em um passo sempre crucial: o passo que consiste em se dar (de uma só vez ou no dia-a-dia) significação e consistência. Essa verdade crucial não pode ser julgada no tribunal da verdade factual. Omissões, acréscimos, remanejamentos, são peças do *puzzle* do sujeito em um momento do seu *fieri*. Nesse sentido (um pouco diferente de suas intenções) vale a ideia de Lacan de que a verdade está em uma linha de ficção. Sob a condição de entender que ficcionalizar a própria vida é o jeito ocidental moderno de orientá-la e reorientá-la (CALLIGARIS, 1998, p. 53).

Transcrever os acontecimentos de um dia, dia após dia, ou demarcar opiniões, gostos e preferências. Regular a opinião alheia também é objetivo daquele que interage, podendo ser essa interação estendida à escrita:

Independente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam (GOFFMAN, 1975, P.13).

Escrever é desempenhar um papel, ou seja, solicitar que outros, os observadores, “levem a sério a impressão sustentada perante eles” (p.25). Embora a escrita sobre o eu possa nem sempre ter como objetivo principal a exposição e leitura dos outros, ela cumpre a função de representação de si mesmo para si mesmo. Segundo Goffman (1975), a representação é “a atividade de um indivíduo que se passa em um período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que têm sobre esses alguma influência” (GOFFMAN, 1975, p.29).

3. Escrever sobre o “eu” na internet

O ato de escrever torna-se mais e mais comum a medida em que a educação formal, o acesso ao ensino, abrange um contingente maior de pessoas. Tendo aprendido a escrever e sendo estimulado a isso, o indivíduo ganhou a oportunidade de manter um caderno, ou folhas soltas, onde pudesse construir uma narrativa. O papel, o lápis, a caneta, a máquina de escrever são tecnologias cuja evolução e dispersão tornaram o ato de escrever algo que poderia ser feito porque qualquer um, não apenas por algumas classes, alguns cargos.

Quando o computador pessoal surgiu, em meados da década de 80, manter diários já era uma prática possível a qualquer interessado. A passagem desses diários feitos a mão ou datilografados para o computador pessoal parece uma evolução perfeitamente compreensível. Mas até aí, fechado com cadeados e escondido sob roupas na última gaveta, ou digitado e salvo em uma pasta qualquer do computador da família, o diário era algo cujo feito e leitura começava e terminava no próprio indivíduo (aqui deixamos de lado aqueles escritores que publicam suas memórias ou diários e nos atemos ao indivíduo anônimo). Protegê-lo dos olhares alheios era quase uma obrigação, o temor de ter seu desabafo descoberto pelos pais, irmãos e filhos era tão grande quanto o alívio de poder deixar ali devaneios e considerações sobre o cotidiano:

O diário é uma espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real. Ele contribui, modestamente, para a paz social e o equilíbrio individual (LEJEUNE, 2008, p. 262)

Com a internet, a rede mundial de computadores, criou-se para esse indivíduo a possibilidade de divulgar o que antes era guardado a sete chaves. Mas por que alguém

que antes mantinha um diário secreto passaria a exibi-lo em uma rede social ou um blog?

Ele aponta a “fantasia de ter um leitor desconhecido” (LEJEUNE, 2008, p. 327) como fator de grande relevância para que o escritor exponha a escrita. Uma mulher que escreve sobre seu dia-a-dia (marido e filhos, dificuldades financeiras, brigas com as crianças, solidão, etc.) certamente não gostaria de ver essas mesmas pessoas lendo suas opiniões pouco lisonjeiras acerca do cotidiano. O constrangimento não seria evitado, no entanto, se as informações que ela disponibiliza fossem lidas por pessoas que não fazem parte de seu círculo familiar ou profissional? Quem lê suas lamúrias não a encara face a face, apenas pode escrever de volta, comentando, positiva ou negativamente, o que está ali.

Sem conhecer a face, o endereço, as pessoas que ali estão retratadas, a influência da resposta recebida por esta hipotética escritora diz respeito apenas a ela. Caso prefira excluir tais comentários alheios sobre sua vida, o ato é possível com um clique.

E pelo próprio caráter imediatista da internet, a escrita do eu pode ser instantaneamente visualizada por um número maior e mais disperso de leitores. A presença do outro antes, durante e depois do ato da escrita para publicação em um blog na internet é muito mais forte. Com base em Judith Donath (1999), Raquel Ricuero (2008) aponta que a comunicação face a face, impossível na relação mediada pela internet, vai ser substituída pela força das palavras escritas. E em um blog ou uma rede social a escrita não é apenas a palavra: é fotografia, vídeo, arte gráfica e links (endereço que permitem a conexão com outras páginas ou sites fora daquela que se visita).

A difusão do uso da internet acabou por acelerar a sedimentação de um fenômeno que outros meios de comunicação já traziam: a privatização do espaço público e a publicização do espaço privado. Manter uma escrita regular sobre o eu continua sendo a criação de uma autoficção narcisística, uma reconstrução identitária, uma expressão da individualidade – nesse ponto o blog e o caderno-diário não diferem – mas a divulgação sem fronteiras do primeiro, enquanto o segundo passava quase sempre apenas da escrivãzinha à gaveta, acaba por diferenciá-los enormemente.

A construção de uma imagem identitária na internet, assemelha-se ao diário escrito à mão ou máquina (ou mesmo computador, antes da internet), embora seja plural e fragmentada.

Como já apontamos, escrever sobre o eu pode proporcionar sentido e propósito ao que se vive. E o que se vive nem sempre é repleto de aventuras de grande interesse, mas apenas o cotidiano banal do trabalho, família e pequenos círculos de amizade. Aí a importância da internet pode sobrepor-se à importância do diário de papel restrito à gaveta: ao expor elementos do dia-a-dia com desconhecidos, ampliando a gama de testemunhas de nossos pequenos horrores e delícias rotineiros, o indivíduo ganha aliados na tentativa de reinventar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos**. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, no 21, 1998. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/236.pdf. Acesso em 8 de março de 2010.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**; tradução: Maria Célia Santos Raposo. Editora Vozes, 13ª. edição, 2005

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**; organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

RECUERO, RAQUEL. **Redes Sociais na internet** – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)